



# A folia das barragens: Tempos discursivos de atingidos por hidrelétricas no Vale do Chopim

Revelry of dams: Discursive times of affected people in the Vale do Chopim

**Roberto Luiz Pocai Filho**

Mestre em História

UEPG

pocairoberto@gmail.com

**Robson Laverdi**

Doutor em História

UEPG

robson\_laverdi@hotmail.com

**Recebido em:** 05/08/2016

**Aprovado em:** 02/05/2017

**RESUMO:** Em 1999, um vazamento de informações da ANEEL possibilitou que o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) acessasse as primeiras informações sobre duas Usinas Hidrelétricas (UHE's) São João e Cachoeirinha; ambas seriam construídas no Vale do Chopim. Esse trabalho tem por intenção analisar as diversas interpretações do acontecimento futuro na comunidade Nossa Senhora dos Navegantes em Clevelândia – PR. Utilizando a história oral como metodologia, a pesquisa investiga as concepções de tempo dos ribeirinhos a partir das categorias memória e história de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória, temporalidades, atingidos por barragens.

**ABSTRACT:** In 1999, a leak of ANEEL information enabled the Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) from accessing the first information about two hydropower plants (UHE's) São João and Cachoeirinha, both would be built in the Vale do Chopim. This article analyze different interpretations of the future event in the community Nossa Senhora dos Navegantes in Clevelândia - PR. Using oral history as a methodology, the research investigates the riverine of time concepts from the categories memory and life story.

**KEYWORDS:** Memory, temporality, damn affected.



O mês de Março de 1999 foi marcado pelo Apagão do sistema elétrico no Brasil e medidas foram tomadas pelo governo federal para sanar o problema<sup>1</sup>. Estudos realizados pela Eletrobrás já comprovavam o aproveitamento do rio Chopim para recursos hidrelétricos e as Usinas Hidrelétricas (UHE's) São João e Cachoeirinha estavam previstas<sup>2</sup> junto de outras 14 hidrelétricas na extensão de todo rio.

Em 2001, representantes da empreiteira Enterpa S.A. assinaram o Contrato de Concessão de Uso de Bem Público para Geração de Energia no Complexo Energético Cachoeirinha-São João com a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL). O documento que validava a relação por 35 anos regularizava o uso do rio como um “bem público”, contudo, em nenhum momento especificou o destino da população existente em suas margens ou a formas de indenização<sup>3</sup>.

Em 2008, a companhia Chopim Energia S. A., pertencente ao grupo Gerdau, comprou a concessão da empreiteira Enterpa e a comunidade passou a ser alvo de pesquisas. A empresa afirmava o “potencial de produção energética” do rio e estudos comprovavam que a UHE de São João produziria 62,5 megawatts (MW), enquanto que a UHE de Cachoeirinha produziria 42,5 megawatts e “atuando juntas, as geradoras [iriam] produzir energia suficiente para suprir as necessidades de 245 mil pessoas”<sup>4</sup>. Atualmente o projeto sequer recebeu a Licença Ambiental para a construção das barragens e os atingidos pela construção ainda possuem dúvidas quanto às indenizações de suas propriedades e o destino das comunidades.

Para a pesquisa aqui apresentada, uma série de entrevistas foram realizadas na localidade de Nossa Senhora de Navegantes oportunizando entender como as barragens vem sendo interpretadas pelos ribeirinhos<sup>5</sup>. Com isso, lançamos a seguinte questão de partida: Face à possibilidade de construção das barragens, como os atingidos interpretam esse acontecimento futuro a partir dos episódios que recordam? O ato de lembrar como exercício nos possibilita

---

1 Segundo Célio Bermann, Fernando Henrique Cardoso ficou conhecido por construir uma gestão dependente do mercado estrangeiro (1999-2002), o setor energético nessa conjuntura não pode ser considerado nacional e popular e escolheu as hidrelétricas como modelo pois atendeu a agenda do Fundo Monetário Internacional. Cf.; BERMAN, Célio. **Energia no Brasil: Para quê? Para quem?** São Paulo: Editora Livraria da Física, FASE, 2001.

2 A bacia do rio Chopim, com área de drenagem em torno de 7.500 km<sup>2</sup>, está inserida no quadrilátero formado pelas coordenadas geográficas aproximadas de 25°32' e 26°35' de latitude sul e 51°30' e 53°12' de longitude oeste, região sul do estado do Paraná. Cf.; INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br>. Acesso em 09 Abr. 2017).

3 ANEEL. **Contrato de concessão de n. 16/2002 AHE Complexo São João/Cachoeirinha**. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em: 12 Abr. 2017.

4 Chopim Energia. **Informativo 1ª. Edição**, maio de 2009.

5 A comunidade Nossa Senhora de Navegantes foi desmembrada da Fazenda São Francisco de Salles na década de 1950. Era integrada por trabalhadores descendentes de indígenas e portugueses, acabou recebendo migrantes descendentes de europeus de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul que ali se instalaram para trabalhar em madeiras, nas lavouras e como tropeiros.



concordar com Lucília Delgado que considera a memória como “uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no presente”<sup>6</sup>.

O artigo tem por objetivo analisar a subjetividade de cada narrador sendo que a visão de futuro redesenha o seu pertencimento ao lugar. Outro caminho nos leva a entender a maneira como o avanço das hidrelétricas influencia as interpretações e as concepções de tempo pertencentes aos atingidos.

O roteiro de entrevistas foi organizado de maneira semiestruturada com temas colocados da seguinte maneira: “Fale da sua história”; “Fale da comunidade”; “Fale das barragens”. Essas questões frequentemente foram intercaladas com indagações como “O que aconteceu nessa Audiência Pública?”; “O que você falou para o técnico da empresa Gerdau?”.

A transcrição das entrevistas respeitou a coloquialidade dos entrevistados. Essa alternativa utilizada tem por intenção que eles se reconheçam em suas falas sem alterar o sentido de suas palavras. A divisão do artigo entre histórias de vida oportuniza entender as diferentes temáticas a partir das concepções de tempo dos atingidos, sobretudo, na forma como se diferem e se complementam. As entrevistas, contudo, não são entendidas como algum tipo de exposição fiel, realista e detalhada da trajetória da vida do entrevistado. Devemos entender as ênfases, os esquecimentos, as fabulações contidas na narrativa de cada entrevistado, isto é, os elementos subjetivos que partilham da sua composição<sup>7</sup>.

### **Novela das barragens? Tião e o impasse das hidrelétricas**

Eu pra mim que essas barrage aí, tá parecendo uma novela. É novela! (voz alterada) Eu tava com oito anos começô esse negócio de usina aí, tô com 62 ano e tá na mesma. [...] Tu ia plantá um pé de abóbora não vai plantá mais: “vai saí a usina, eu vô perde, eles não vão pagá o que vale”. Tem muita gente aí que queria fazê potrero não vai fazê mais, fazê o potrero pra daí amanhã desmanchá, então essa novela aí não é de hoje, isso aí faz anos e vai continuá assim (Seu Tião).<sup>8</sup>

Uma história parada, como as águas de uma barragem? Uma novela, como a que passa na televisão, somente possível pela transmissão de energia elétrica até nossas casas? Uma perda de tempo, como a ironia do atingido que relativiza o acontecimento? Seja o que for, o entrevistado culpa as hidrelétricas, o alagamento e a baixa indenização das terras pelo potreiro que não foi

---

6 DELGADO, Lucília. **História oral**: memória, tempo, identidades. Autêntica, 2006, p. 14.

7 BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado, Janaína. Usos e abusos da história oral. 1996: 183-191.

8 BORBA, Sebastião. **Depoimento**. Entrevistador: Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia: Comunidade Nossa Senhora de Navegantes. Áudio Digital (56min). 02 fev. 2015.



feito e até mesmo por um pé de abóbora que não foi plantado. Entre tantas possibilidades, antes da memória ser somente passado, as águas represadas pelas barragens ainda são fruto da imaginação sobre o que viria a acontecer no futuro.

A exaltação do entrevistado anuncia o tempo das barragens. Segundo Michel de Certeau, uma narrativa é um tempo discursivo, pois no hoje considera o ontem e o amanhã na mesma fala<sup>9</sup>. Da realidade para a ficção, Tião ironiza o impasse do acontecimento. Na fala do agricultor de 68 anos, todos vividos às margens do Chopim, as barragens se comportariam como algo sem lembrança, um episódio futuro sem data marcada. Para as empreiteiras e o Estado, as obras se justificariam pela necessidade de produção de energia. Em 2011, as barragens foram incluídas na segunda edição do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC-2) do governo federal.

Em 14 de janeiro de 2013, a presidente legítima Dilma Rousseff vetou os projetos que previam a construção de ambas as hidrelétricas assim como outras nove usinas por todo Brasil<sup>10</sup>. Em 03 de junho de 2013, uma Ação Civil Pública foi movida pelos militantes da Comissão dos Atingidos até o Tribunal de Justiça do Paraná e anulou as Licenças de Instalação de ambas as hidrelétricas<sup>11</sup>. O impasse da construção das hidrelétricas conspira com a indecisão da voz de Tião, que declara que ele seus vizinhos não tem interesse em melhorar sua propriedade por acreditar que iriam “sair perdendo”<sup>12</sup>.

Reinhardt Koselleck argumenta que cada tempo possui também uma infinidade de concepções do próprio tempo. Entre tantas temporalidades, cada uma se constrói entre um espaço de experiência e uma expectativa de futuro. Os documentos históricos permitem interpretar como os acontecimentos foram pensados em uma relação de reciprocidade do passado com o futuro<sup>13</sup>.

A narrativa de Tião, enquanto exercita a memória, não se comporta como a descrição de uma sequência dos tempos, mas sim como o relato de uma relação dos tempos onde passado, presente e futuro vão e voltam no discurso. Por isso, o presente vivido além da trajetória cronológica sentida se constrói na “novela” relatada. Os autores de uma novela televisiva

---

9 CERTEAU, Michel. de. **A operação historiográfica**. In: CERTEAU, Michel. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

10 **Centro de Tecnologia em Edificações**. Disponível em: <http://site.cte.com.br>. Acesso em: 30 Abr. 2017.

11 Tribunal de Justiça do Paraná. **Ação civil de improbidade administrativa n.º 1.050.979-6**. Disponível em: <https://tj-pr.jusbrasil.com.br/>. Acesso em: 10 Abr. 2017

12 BORBA. **Depoimento**. Áudio Digital (56min). 02 fev. 2015

13 KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006, p. 16.



costumam mudar o seu enredo conforme o público vai reagindo. Não poderíamos pensar o mesmo das barragens? A empresa não estaria reconstruindo suas estratégias conforme os navegantes vão reagindo ao processo de construção?

### **Carletto e a identidade militante do atingido**

os cara lá de Cascavel e o Hélio Meca que vieram [em 1999] e fizeram uma reunião pra explicá comé que nós fazia pra se defendê dessas empresa” (Carletto).<sup>14</sup>

Dois anos antes de correr a concessão das hidrelétricas, o coordenador do Movimento dos Atingidos por Barragens<sup>15</sup>, Hélio Meca, tinha por objetivo conhecer as comunidades atingidas no Chopim afim de incentivar a organização dos ribeirinhos para que eles se inteirassem do processo de construção das barragens. Acabou conhecendo o agricultor Ciro Carletto, 60 anos vividos no Vale do Chopim – que se tornou coordenador de um grupo de base de 29 famílias pelo movimento. Ambos passaram a “informar o povo”, ir de casa em casa e levar as notícias das hidrelétricas nas comunidades. O “Fusquinha” de Carletto, citado por outros entrevistados ficou conhecido por fazer “várias corridas” nas estradas vicinais a fim de informar a população sobre o MAB. Tal processo denominado na linguagem comum dos movimentos sociais como “frente de massas” permitiu a ele constitutivamente ir se forjando como militante do MAB. A partir disso, junto dos demais atingidos, eles criaram a Comissão dos Atingidos pelas UHE's São João e Cachoeirinha. A organização da frente de massas não ficou restrita às margens do Chopim. Em sua entrevista, Carletto lembrou de um ato na sede da companhia de energia Eletropaulo, em São Paulo no ano de 2003:

Ciro Carletto: Quando cheguei na porta fui o primero, dois negão má desse tamanho anssim (gesto de altura com a mão) sparecia uns guarda-ropa os sigurança, pensei: Agora tô feito né!? (risos). Vinha vindo duas muié (do MAB) eu parei. As mulher entraro. Cada um pegô uma e daí largaro. Daí veio aquela multidão assim [...] (aproximadamente 800 pessoas). Aquilo tampô, tampô! Aí eles soltaro as muié e trancaro a porta de vidro. [...] **[Os militantes]** Chutaro a porta embaxo. Debuio tudo! Daí entraro tudo aquele diabedo e os funcionário correro tudo! Daí eu olhava por cima do balcão, aquilo tramando de polícia. Não dexaro entrá as polícia. Daí acertaro de im conversá oito pessoa com o chefe **[diretor da Eletropaulo]**, eles garraro e queriam (enquanto isso) que nós saísse pra fora: Negativo! Se eles descê de lá e tá combinado nós sai senão não, nós tinha comida e forro (pra dormir). Daí um cara garrô, desceu de lá:

---

14 Hélio Meca atualmente é membro da coordenação do MAB, uma de suas principais lideranças. Na década de 1980, foi atingido pela UHE de Itá. Cf.; CARLETTO, Ciro. **Depoimento**. Entrevistador: Roberto Luiz Pocaí Filho. Clevelândia: Comunidade Nossa Senhora de Navegantes. Áudio Digital (44min). 20 jan. 2015.

15 O Movimento dos Atingidos por Barragens se consolidou nacionalmente em sua base rural na luta pela terra e em defesa da diversidade ambiental e das populações ribeirinhas que sobreviviam dos rios. Cf.; **Movimento Atingidos por Barragens**. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br>. Acesso em: 08 Abr. 2017).



Nã, tá tudo certo! -Então vamo limpá, dexá tudo certo. E ajeitemo [o espaço antes de ir embora].<sup>16</sup>

O empoderamento do militante nos trechos: “tampô de gente”; “debuiô tudo a porta”; “daí entraram tudo aquele diabedo e os funcionários correram todos” se complementa no ato de resistência de não desocupar o prédio junto dos companheiros: “nós tínhamos comida e forro”. O entrevistado ao momento que vai falando, vai forjando sua identidade enquanto militante.

Para Michel Pollak, a identidade é um valor em disputa, constitutivamente formada e reformulada na imagem social que uma pessoa faz de si própria perante os outros, isto é, um processo de identificação de um sujeito na sua vida é um processo de autorreconhecimento na história a partir da memória<sup>17</sup>.

Um militante alimenta sua identidade nas marchas onde percorrem dezenas de quilômetros sob sol forte, no trabalho coletivo para erguer uma cozinha comunitária, no enfrentamento direto com a polícia recebendo tiros - tomando cacetadas e arriscando ser preso -, nas ocupações de canteiros de obras durante a madrugada, na arquitetura revolucionária de um barraco de lona que acolhe os companheiros e na voz dos trabalhadores que gritam as mesmas palavras de ordem. As adversidades, nas palavras de Eduardo Zen, se justificam na base de sua identificação a partir de suas relações de trabalho pois “vêm-se na iminência de perderem sua fonte de sustento, sua forma de trabalho, seu meio de conseguir comida para si e sua família”<sup>18</sup>.

A militância de Carletto se articulou em um processo de enfrentamento ao avanço das barragens. Ao relatar sua participação na Audiência Pública de Clevelândia ele enfatizou um debate que teria acontecido com representantes da empresa Gerdau onde falou sobre a paisagem do Vale do Chopim:

Ciro Carletto: Eles (da empresa Gerdau) vem aqui, sabe o que que eles dizem? Que aqui é um buraco: que que o cara que vim morá num buraco desse? Mas onde é plaino eles não fazem hidrelétrica: esse buraco é feito pra vocês ganhá dinheiro. Que se não tem buraco comé que vai enxê de água pra tocá a hidrelétrica? Esse é que nós temo, esse é um buraco apreparado pra vocês, que tá pronto. Vocês querem é de graça. Mas eu *casco o buchedo*, eu digo memo, quando eu vo nessas reunião.<sup>19</sup>

O empoderamento do militante, dessa vez, se constitui como resistência frente a

---

16 CARLETTO. **Depoimento**. Áudio Digital (44min). 20 jan. 2015.

17 POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. São Paulo, Revista Estudos Históricos. v. 2, n.3, p. 16-38, 1989.

18 ZEN, Eduardo Luís. **Movimentos sociais e a questão de classe**: Um olhar sobre o Movimento dos Atingidos por Barragens. 211 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Sociologia, 2007, p. 58.

19 CARLETTO. **Depoimento**. Áudio Digital (44min). 20 jan. 2015.



desvalorização da terra que, segundo ele, para o técnico seria apenas um “buraco”. Carletto reverte seu relato afim de valorizar a paisagem não somente em sua estética, mas principalmente na sua posse da terra.

Simon Schama observa a paisagem como um processo: “antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente” de quem a observa, na sua memória que está desconexa com a sua identificação com o local. Narrar o lugar é se sentir pertencente ao lugar, um processo que pressupõe nossa presença “e, conosco, toda pesada bagagem cultural que carregamos”. No exercício de memorização, o tempo do observador se confunde com o tempo da natureza. A transcendência disso acontece a partir de saber como ribeirinho que se objetiva no discurso no funcionamento da barragem. Carletto denuncia a alteração do meio ambiente para pretexto da geração de lucros da empreiteira<sup>20</sup>.

Ao afirmar: “eu casco no buchedo”, Carletto compara o ato de reivindicar seus direitos com o ato de sacrificar, carnear e limpar as tripas de um animal para a alimentação de sua família e dos vizinhos. Em termos que o próprio militante compreende, a narrativa abre a percepção do tempo discursivo para os universos onde transita o entrevistado. Ele ainda relatou que descobriu a existência de diferentes tipos de indenização:

Ciro Carletto: Você tem que prová a produção e o tamanho de área. Eles tem tudo mapeado, eu vi lá os cara mostraro lá pá nós... [...] Sabe que a Chopim Energia, ela mapeô tudo por cima anssim, sabe? E mostrô quanto tem de mata nativa, quanto tem de potrero, quanto tem de vage que é lavora e quanto que tem de ladera. *Eles fincam na gente, sabem mais do que nós que semo dono do terreno.* [...] Tipo assim, o rio e daí aquelas encosta uma verada de mato, do lado é potrero daí... *só uma veradinha de lavora, daí não sei se é 25, 35% de toda bacia do rio Chopim que dá lavora, o resto é tudo potrero e mato e capoeira. Então eles consideraro que esses tipo de terra não tem valor nenhum de produção! Má você tá morando lá!*<sup>21</sup>

Apesar das Audiências Públicas e o eventual enfrentamento dos movimentos sociais com a construtora, a linguagem técnica dos EIA's não leva em conta o posicionamento dos atingidos. Segundo Cézár Karpinski, os EIA's possuem uma linguagem tecnicista que dificulta seu entendimento e ocultam graves problemas ambientais, não relevando diversos aspectos da vida social e comunitária das populações ribeirinhas atingidas<sup>22</sup>.

Apesar dos EIA's São João e Cachoeirinha apontarem a sobrevivência dos atingidos

---

20 SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17.

21 CARLETO. **Depoimento**. Áudio Digital (44min). 20 jan. 2015.

22 KARPINSKI, Cézár. Hidrelétricas e Legislação Ambiental Brasileira nas Décadas de 1980-90. **PerCursos**. Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 71-84, 2008.



como “um exemplo típico de como a ocupação antrópica desordenada afeta a diversidade biológica de certa região”<sup>23</sup>, Carletto denuncia que o aceleramento do processo de devastação ambiental ocasionado por alguns moradores a partir da notícia da construção das hidrelétricas. Isso acontece, segundo ele, porque os representantes da companhia Gerdau informaram em Audiência Pública que somente indenizariam áreas cultiváveis. Ou seja, a racionalidade das indenizações, diferenciando os tipos de terras como base para as indenizações, favoreceria a devastação das matas nativas para receber uma indenização ainda maior.

“Eles ficam na gente, sabem mais do que nós que semo dono do terreno”: Carletto interpreta as imagens via satélite como um tipo de invasão. A empresa “fincando” neles se comportaria como uma forma de apropriação privada da terra onde essa adquire mais conhecimento sobre cada alqueire atingido do que os próprios proprietários da terra<sup>24</sup>.

A companhia Gerdau lançou informativos bimensais afim de “informar sobre o processo de construção das usinas” e “esclarecer as dúvidas dos abrangidos pelos empreendimentos”<sup>25</sup>. Sobre o processo de informação das comunidades atingidas, Carletto relatou:

Ciro Carletto: A empresa falava que era mil maravilha. Iam fazê posto de saúde, ia tê assistência... Falaro até que molhavam aqui na minha residência com caminhão-pipa pra não fazê poeira na minha casa... Isso eles falarom, que era mil maravilha. Falavam que davam total assistência e ia sê um benefício demais de bão pro município. Faziam a maior propaganda pra você entrá na deles. Pra você fazê o acordo pra saí a hidrelétrica. Eram tipo uns político, pior que uns político, na verdade.<sup>26</sup>

Os informativos distribuídos entre os ribeirinhos se apresentavam como estratégia para conquistar a hegemonia da comunidade, isto é, para que os ribeirinhos aceitassem as condições da empreiteira. “Pior que políticos”, o militante define o processo de heimonização como uma campanha política, a promessa de benefícios tinha por finalidade conquistar a comunidade para construir a hidrelétrica.

### **Roberto Bach: Somos pobres mas gostamos da verdade**

Roberto Bach, 42 anos, morador de Navegantes, sobrevive de uma criação de 35 bezerros e outra de 80 galinhas carijó em uma pequena propriedade de um alqueire e meio de terra, do qual ele se refere como “um pedacinho de nada”:

Roberto Bach: Que nem eu aqui, só tenho um pedacinho, aqui, já dá uma parte

---

23 Consilium. **EIA, Estudo de Impacto Ambiental de São João**, 2008, p. 127.

24 CARLETTO. **Depoimento**. Áudio Digital (44min). 20 jan. 2015..

25 Chopim Energia. **Informativo**.

26 CARLETTO. **Depoimento**. Áudio Digital (44min). 20 jan. 2015.



de terra. Mas eu tenho uma família, uma moradia, tenho umas criaçãozinha. Eu tenho onde morá [...] Que nem eu fui pra Florianópolis eu fiquei lá no meio dos estranho. Só que eu não via a hora de volta sabe. Sai de lá e vim pro lugar que eu vim com 10 ano, bem dize nasci aqui [...] são 30 ano que eu to no lugar. [...] Sempre morei aqui, *então não tem como dize que eu não nasci aqui, eu participei daqui*. Daí a gente tem as raiz da gente aqui, a gente considera o vizinho, que é o parente mais perto, aonde a gente convive mais.<sup>27</sup>

A narrativa de Roberto constitui sua concepção de tempo e de pertencimento com o seu lugar. Dos 30 anos vividos ali, a lembrança de dois anos fora vivida em Florianópolis-SC “no meio dos estranhos”, intensifica duas dimensões de memórias. Entre um passado de intranquilidade na grande metrópole se manifesta um presente em meio aos vizinhos, suas “raízes” e a reivindicação de estar no lugar. A vida sossegada no mato aparece comparada com a vida conturbada na cidade como:

Roberto Bach: uma liberdade a mais [...]. Aqui no mato tu sai, vai num vizinho tomá um chimarrão, vai pra cá e pra lá. Aqui eu crio ternero. Daí eu saio trato os bicho. Sórto pra vê a bichada... No meu serviço eu tenho as hora às vez a tarde tô em casa, numa firma tu tem que cumpri hora.<sup>28</sup>

Fugindo da cidade e da linha de produção de uma fábrica, eis as vantagens do campo: “vai uma conta a mais, você pega e vende dois, três ternero e paga” e reiterou o que ele considera mais valioso em sua propriedade, a liberdade. Sua narrativa chega a falar da possibilidade de ele ser desalojado pela empreiteira para o município de Palmas:

Roberto Bach: tenho 20 ternero, a minha família, minha esposa é daqui. Comé que vai tirá eu daqui jogá lá no município de Palmas? Dá quantos quilômetro de lá aqui? Dá uns 80 km. Eu vô saí um domingo de lá, arriscando minha vida na BR lá pá vim visitá ali. Hoje a vida gente é a coisa mais preciosa que tem né... Então eles compra um pedaço de terra aqui e assentá nós aqui, que a terra seja boa não dá nada. [...] Gostaria que se fosse pra ele fazê a barrage, eles tinha que vim senta cos próprio, né?!<sup>29</sup>

Apesar de morar no que chamou de “pedacinho de nada”, Roberto defende seu patrimônio onde ele e sua família tem uma moradia, elementos que constituem sua forma de vida onde busca a liberdade. Na presença de Carletto, revelou seu posicionamento a partir da Audiência Pública com os técnicos da Chopim Energia:

Roberto Bach: Sobre a usina, nós soubemo sobre o Carletto e o Nelson Keller [...] Começaro a trazê o pessoal do MAB e daí eles viero e falaro pra nós. Fizero uma reunião nós participemo e fiquemo sabendo da barrage, daí essa *folia da barrage sai não sai, e daí o...* [alterando o tom de voz]. [...] Tivemo duas

---

27 BACH, Roberto. **Depoimento**. Entrevistador: Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia: Comunidade Nossa Senhora de Navegantes. Áudio Digital (22min). 12 jul. 2014.

28 BACH. **Depoimento**. Áudio Digital (22min). 12 jul. 2014.

29 BACH. **Depoimento**. Áudio Digital (22min). 12 jul. 2014..



reunião lá no Paiol de Telha não sei como é que é nome do home, agora não me lembro[...]. *Só que ele dexo tudo mundo, sabe, na mão. Nós levemo o povo lá, só que dai teve pergunta que ele não sobe nem respondê.* Ele mostro um mapa lá, mostro uma região que era povo assentado, *na verdade ele mentiu!* (mudando o tom de voz) Que era a terra da mãe do Carletto que é aqui em cima, dai ele passo foi passando na televisão. Daí o Carletto que morava ali mando ele volta pá trás e falou: “Aí você tá mentindo”... Que não era assentamento, daí nós fiquemo ofendido [...]. *Ele só veio menti pra nós! E o povo não gosta de mentira. Nós semo pobre aqui, má gostemo da verdade...* [...] Tinha acho que umas 600 pessoa.<sup>30</sup>

Aqui entendemos que o sentimento de pertença não aparece no seu tempo discursivo como algo estático, mas sim a partir de tal reivindicação perante a ameaça das barragens apesar dele se considerar “pobre”. A lembrança da Audiência Pública logo expressa a confusão interpretada pelo entrevistado, uma parte do processo hidrelétrico, do qual ele denominou “folia das barragens”. O não-esclarecimento das condições de pagamento, a confusão nas Audiências, do valor das indenizações e dos direitos dos atingidos são ridicularizados assim como ele enquanto atingido se refere ao processo como se não fosse levado a sério pelos representantes da empreiteira. O atingido compreende o processo das barragens como algo confuso. Aqui, o tempo discursivo se comporta como uma narrativa de resistência, um discurso que sobrevive ao tempo e denuncia o avanço das barragens como uma ameaça ao modo de vida dos ribeirinhos.

### **Dona Juraci e o bico sem saída**

Apesar da paisagem das lavouras ser predominante, pequenos proprietários evidenciam outras narrativas. Juraci Nande Cardoso, produtora de feijão, milho, mandioca e batata em uma “quarta de terra”, a quarta parte de um alqueire (6050m<sup>2</sup>), garante sua alimentação e sua sobrevivência no lugar. Segundo a própria: “nossa história é rolando”, 60 anos, trinta desses vividos em Navegantes.

A trajetória de Juraci no lugar está inteiramente relacionada com o tempo das barragens: “Desde o tempo que nós viemo morá aqui nós sabemo dessa dita usina. Quando nós entremo morá aqui o Nego (filho) era pequenininho, ele tinha um aninho”<sup>31</sup>. Ao ser questionada sobre São João e Cachoeirinha logo expressou sua opinião:

Juraci Cardoso: Ah... eu no meu pensamento, gostaria que Deus ajudasse que saísse a usina pra mó de nós saí daqui porque aqui nós tamo num bico sem saída nesse lugar! [...] *Pra pobre aqui é um bico sem saída*, porque se fosse que tivesse um carro bão, tudo bem né. Má nós pagando um pra outro pra í pra cidade, se ficá doente pior ainda! [...] Mas se fosse pra mó de pessoa doentio, tinha morrido aqui à míngua [...].

---

30 BACH. **Depoimento**. Áudio Digital (22min). 12 jul. 2014.

31 CARDOSO, Juraci Nande. **Depoimento**. Entrevistador: Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia: Comunidade Nossa Senhora de Navegantes. Áudio Digital (18min). 27 dez. 2014.



RP: Vocês querem ir pra cidade?

JC: Pra mim era melhor. Ficava mai perto do comércio, não dependia cada vez que vai pra cidade pedí pros vizinha: Leva nós. O meu filho mora em Curitiba, se fosse dele morá com nós, tem a famia dele lá né, véve a vida dele.<sup>32</sup>

A condição menos favorecida e a ausência do jovem no campo são sentidas em sua fala. Sobretudo, muito além de 1999, a ribeirinha expande o tempo das barragens para mais de trinta anos, um tempo paralelo a sua existência na localidade:

Juraci Cardoso: Desde o tempo que nós viemo morá aqui nós sabemos dessa dita usina. Quando nós entremo morá aqui o Nego **[filho]** era pequenininho, ele tinha um aninho quando nós viemo morá aqui **[há 32 anos]**. Primero era no Roncadô **[catarata no prolongamento do rio]** que era pra saí essa usina, daí do Roncadô passô pra cá. Tuda vida era pá saí essa usina.<sup>33</sup>

A aceitação das barragens não sugere que a atingida as considere como algo favorável para a comunidade, mas sim como algo favorável para transformar suas condições de sobrevivência. Ou seja, a expectativa de futuro sugere a imaginação do complexo hidrelétrico e, conseqüentemente, a mudança para a cidade como uma solução para os seus problemas. A partir do roteiro e das perguntas que emergem na entrevista se rememoram acontecimentos que nos levam a indagar: Quem narra? O que narra? Quando narra? Onde narra? Para quem narra? As condições de sobrevivência em Navegantes nos fazem entender porque o posicionamento de Dona Juraci difere de outros ribeirinhos.

### **Nelson Keller e a terra que virou quiçaça**

A narrativa de Dona Juraci abordando o tema da saúde vai ao encontro com o EIA São João que considera o número de leitos em Clevelândia: 296, aproximadamente 4,5 leitos/mil habitantes. A Organização Mundial da Saúde - OMS recomenda que devam existir, no mínimo, cinco leitos hospitalares para cada mil habitantes<sup>34</sup>. Augusto Bach, 66 anos, mais de cinquenta vividos no Vale do Chopim, destacou a situação da comunidade de Navegantes e das demais vizinhas:

Augusto Bach: *As comunidade aqui do interior tá ficando só o nome, que número de pessoa tá acabando né [...]. O jovem até fazê um segundo grau, daí cai fora... Vão zarpando daí. Também não tem o que eles fazê aqui né (olhos arregalados). Antigamente era mais muque pra plantá, dependia mais de pessoas, hoje o número de pessoas é mínimo, quem trabaia é a máquina não as pessoas, então que que o jovem fica fazendo aqui? Não tem o que ele fazê. Tu anda aqui nesses lugar é um casal de véio, uma tapera **[apontando com as mãos]**. [...] Aqui no interior só se*

---

32 CARDOSO. Depoimento. Áudio Digital (18min). 27 dez. 2014.

33 CARDOSO. Depoimento. Áudio Digital (18min). 27 dez. 2014.

34 Consiliu. EIA, Estudo de Impacto Ambiental de São João.



“você tivé máquina ou uma leitaria, senão não sobrevive, só se tivé uma aposentadoria. Depende só da lavora pra sobrevivê não dá mais não.”<sup>35</sup>

Para Augusto, a ausência dos jovens se deve a mecanização do campo sendo que o trabalho e a falta de condições de saúde e educação. Ao se referir aos aspectos econômicos, o EIA Cachoeirinha relatou que dentre as atividades produtivas desenvolvidas:

A agricultura (dentre as quais a da soja 60%, do milho 100%, feijão 87% e arroz 20%), se destaca, aparecendo em grande parte das propriedades (87%). [...] O uso para a pecuária aparece em terceiro lugar (53%), sendo os rebanhos mais relevantes o bovino e suíno, ambos em 80% dos imóveis rurais em análise.<sup>36</sup>

O cenário local condiz com as estatísticas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Entre, 2003 e 2010, as grandes propriedades passaram de 95 mil unidades para 127 mil unidades e a área controlada pelos seus proprietários passou de 182 milhões de hectares para 265 milhões em apenas oito anos. João Pedro Stédile, analisando a conjuntura agrária, considera tais dados como uma evidência do projeto político de concentração da terra nas mãos de grandes fazendeiros. Juntamente dos médios proprietários, os latifundiários representam os interesses agronegócio e controlam 85% das terras e “praticamente toda a produção de commodities”<sup>37</sup>.

Nelson Keller, 70 anos, agricultor há 16 anos na comunidade, proprietário da terra há mais de 40 anos, relatou o processo de esvaziamento das pequenas propriedades em torno do rio Chopim:

Nelson Keller: O povo foi tudo embora, não tem mais estrada. Cara, é de ficá bobo. O povo foi tudo embora! Casa lá no Paiol Grande, só o cepo das casa ficô que era de concreto. Não tem estrada, buraco desse tamanho (um metro). Não tem como lidá. E daí, quem que planta arroz? Feijão? O preço lá embaxo. O milho pra quem que dá lucro. Cara que colhe 500 saco, eles plantam não conseguem. [...] Que que aconteceu? Os fio arrumaro serviço na cidade, abandonaro a terra. Tudo mundo na cidade. Tudo as terra abandonada [...]. As capela nem o padre vai mais, não vai gente. Comunidade que nem Serrano Alto, Serrano Baxo, Paiol Grande, quero que você veja, *eu fiquei bobo!* **[mãos na cabeça]**. O pequeno foi embora porque não compensa pra ele comprá trator, pulverizador... O que não arrendô<sup>38</sup>, foi embora!<sup>39</sup>

---

35 BACH, Augusto. **Depoimento**. Entrevistador: Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia-PR: Comunidade Nossa Senhora dos Navegantes. Áudio Digital (12min). 14 dez. 2014.

36 Consiliu, p. 202.

37 A commodity seria um produto padronizado para a agricultura com a única finalidade de ser uma mercadoria global. A soja transgênica, por exemplo, é uma semente globalizada, a mesma semente vendida para os agricultores no Brasil é vendida nos Estados Unidos, na China e na Rússia. Quem ganha com isso é o mercado que determina o preço. Cf.; INCRA. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/>. Acesso em: 06 Abr. 2017; STÉDILE, João Pedro. Tendências do capital na agricultura. In: STÉDILE, João Pedro; ESTEVAM, Diego. (orgs.) **A questão agrária no Brasil: o debate na década de 2000**. São Paulo. Expressão popular, v. 3, n. 3, p. 17-47, 2013.

38 Segundo o artigo 1º do Decreto Nº 59.566, de 14 de novembro de 1966: “O arrendamento e a parceria são



A narrativa apavorada de Keller transita entre a atualidade e o passado, do mercado que antes era cheio, agora “só uns pingadinho”, das estradas antes escoavam a produção agora estão esburacadas. O tempo discursivo do autor compara a sua atualidade com 10 anos atrás onde enfatiza o esvaziamento das comunidades rurais. O motivo da ausência de Keller de Navegantes durante décadas aconteceu por conta dele estar prestando serviços para a Companhia Paranaense de Energia Elétrica (COPEL), na linguagem popular dos canteiros de obras ele era definido como mais um “barrageiro”<sup>40</sup>:

Nelson Keller: Aqui é o seguinte, quando eu inaugurei essa casa (há treze anos, 2000). Eu trabalhava na Usina Hidrelétrica de Salto Caxias e daí convidei os engenheiro passá um fim de ano aí. Como tava terminando Salto Caxias, não tinha nenhum outro projeto em vista e aqui era pra sair no Chopim 16 usina. Daí eles [...] falaro: Bá, tamo terminando Salto Caxias vamo fica sem serviço. Já tem um levantamento prévio (do rio Chopim). Vamo se fincá e vamo fazê essas usina aí, senão vamo ficá sem serviço. -De minha parte pode vim. E veio topografia e na outra semana veio aqui [...]. Fizero furo de 40, 50 metro ca sonda, né?!<sup>41</sup>

A antiga rede de relações com a COPEL possibilitou a realização dos levantamentos geológicos. Sobre o projeto de São João e Cachoeirinha, Nelson contou outros detalhes:

Nelson Keller: Daí na época o [governador do Paraná] Jaime Lerner queria privatizá a COPEL. Daí pra eles não adiantava fazê usina se ia privatizá, venderam o projeto, venderam pra Enterpa, que era do [Celso] Pitta e do [Paulo] Maluf, firma que ele colhia o lixo em São Paulo[...]. E como o Requião ganhô, era um rival político (do Maluf), não dexô fazê, trancô tudo. Não dexô nem entrá ninguém aí. Não teve acerto.<sup>42</sup>

A companhia Enterpa de Maluf<sup>43</sup> e a interferência política do governador, na época,

---

contratos agrários que a lei reconhece, para o fim de posse ou uso temporário da terra, entre o proprietário, quem detenha a posse ou tenha a livre administração de um imóvel rural, e aquele que nela exerça qualquer atividade agrícola, pecuária, agro-industrial, extrativa ou mista”. BRASIL. **Lei n. 59.566/1966** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>. Acesso em: 22 Abr. 2017).

39 KELLER, Nelson Antonio. **Depoimento**. Entrevistador: Roberto Luiz Pocaí Filho. Clevelândia: Comunidade Nossa Senhora de Navegantes. Áudio Digital (92min). 16 dez. 2014.

40 Barrageiro seria aquele que vive uma vida itinerante de barragem em barragem prestando serviço. No caso dele, ele empreitou para nove hidrelétricas serviços de mecânica de veículos.

41 KELLER. **Depoimento**. Áudio Digital (92min). 16 dez. 2014.

42 KELLER. **Depoimento**. Áudio Digital (92min). 16 dez. 2014.

43 Paulo Maluf foi governador de São Paulo (1979-1982), prefeito de São Paulo (1993-1996), eleito quatro vezes deputado federal (2006 até a atualidade), sobre suas costas pesam uma série de acusações como lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, corrupção e crime contra o sistema financeiro (evasão fiscal). Celso Pitta foi seu sucessor (1997-2001), seu mandato foi marcado por uma série de denúncias de corrupção. Ao terminar seu mandato, o ex-prefeito era réu em treze ações civis públicas, acusando-o de ilegalidades. Durante a gestão de Maluf, a Enterpa fora contratada para coletar o lixo da cidade. Segundo o Portal Zero Hora, “parte do dinheiro movimentado teve origem em um negócio intermediado por Maluf, a venda da Enterpa Ambiental ao Grupo Macri”; Cf.; Zero Hora. **Justiça de Jersey determina que empresas ligadas a Paulo Maluf devolvam US\$ 22 milhões à prefeitura de São Paulo**. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br> . Acesso em: 16 Abr. 2017).



Roberto Requião<sup>44</sup>, demonstram como os destinos de uma pequena comunidade se entrelaçam com os desígnios de outras instâncias de poder. A aproximação de Keller com os técnicos da COPEL permitiu a ele obter informações mais precisas da conjuntura hidrelétrica.

Com o prolongamento do processo hidrelétrico, denominado “novela das barragens” ou “folia das barragens” por alguns atingidos, e a eventual suspeita de que a companhia não pagaria devidamente as indenizações, Keller argumentou em torno da situação dos atingidos e da desvalorização das terras:

Nelson Keller: Essa terra [**sua propriedade**], na época da usina, deixei de vendê por 2 milhões aqui! O cara que me dá um milhão eu dou na mão: É teu! Desvalorizô a terra, o povo foi embora... Desvalorizô por causa da usina e em tudo! [...] Os mais grande que pegaram essa terra, tão plantando. E assim mesmo tão questionando que esse movimentar das máquina gasta muito combustível. Quase não compensa... Aquilo lá tá tudo abandonado! Todo mundo na cidade! Terra abandonada, virô quiçaça!<sup>45</sup>

O comparativo com a situação das comunidades vizinhas feito por Keller se desdobra na desvalorização das suas terras, essas são as transformações sentidas, seja por conta dos avanços do agronegócio ou derivado do processo das hidrelétricas.

### **Considerações finais**

A previsão da construção das UHE's São João e Cachoeirinha no Vale do Chopim oportuniza na comunidade Navegantes uma série de interpretações sobre o acontecimento futuro. As narrativas dos navegantes, ao invés de relatarem uma sequência de tempos, relacionam passado e futuro no presente, ou seja, o espaço de experiência e a expectativa de futuro emergem no exercício da lembrança.

Às margens do rio Chopim podemos escutar nas vozes dos atingidos as interações dos sujeitos com a estrutura social, absorvendo suas concepções de tempo. As memórias dos entrevistados submergem no texto e respondem a essas questões no decorrer da análise do relato.

No caso de participação do MAB, é interessante realçar que as condições de sobrevivência no campo ameaçadas pela inundação das águas do lago da barragem explicam a participação dos ribeirinhos no movimento social. A previsão da alteração do meio ambiente confunde os tempos narrativo e humano com o tempo da natureza, o que fortalece a identidade de cada militante.

---

44 Roberto Requião foi deputado estadual do Paraná (1983-1984), prefeito de Curitiba (1985-1989), eleito governador três vezes do Paraná (1991-1994, 2003-2006 e 2007-2010) e senador do mesmo estado por duas vezes (1995-1998 e 2011 até a atualidade).

45 KELLER. **Depoimento**. Áudio Digital (92min). 16 dez. 2014.



Os atingidos, que quase não são referidos no contrato de concessão das companhias com o Estado, revelaram que nunca foram informados do valor das indenizações. Apesar das Audiências Públicas, das visitas dos técnicos e dos informativos, as incertezas quanto aos seus direitos persistem nas suas memórias. Contudo, a falta de estrutura em saúde e educação nas comunidades atingidas possibilitam o seu esvaziamento e, conseqüentemente, alguns atingidos entendem as indenizações como uma oportunidade para melhorar suas condições ou se mudar para a cidade.

O entendimento das condições de experiência onde os atingidos estão inseridos faz entender a aceitação das barragens por alguns e a resistência de outros. A construção de duas barragens amplia as observações de um recorte espacial específico para outro mais amplo.

A folia das barragens não seria a interação da conjuntura com Navegantes que imprime a diversidade de interpretações do acontecimento futuro? Seja um tempo conturbado, um tempo de luta ou mesmo um tempo de espera, o tempo das barragens constitui uma série de temporalidades na vivência dos atingidos? Mas refletindo mais intensamente, não seriam as temporalidades que constituem o tempo das barragens? Provavelmente podemos afirmar sim para todas as questões. Contudo, em Navegantes não existe o “atingido” por barragem, existem os atingidos por barragens e cada um, a partir de suas condições de experiências, constitui sua concepção sobre o tempo das Usinas Hidrelétricas São João e Cachoeirinha. Barragens essas que sequer foram construídas, mas já existem na voz dos navegantes.